



A ASEN tem recebido de diversos funcionários, e até de seus dependentes, inúmeras queixas quanto a queda na qualidade de vida nas vilas ocupadas pelos funcionários da Eletronuclear.

Já vai longe o tempo em que Furnas, operadora das usinas nucleares, dava todo o suporte necessário à instalação e fixação de seus trabalhadores na região, porém, com o passar dos anos, a Eletronuclear vem, cada vez mais, retirando o apoio que era dispensado.

O principal problema é o atendimento médico prestado aos empregados e seus familiares. Com o fim da Divisão de Saúde e a criação da Fundação Eletronuclear de Assistência Médica, deixaram de ter um atendimento prioritário no próprio hospital bancado pela Eletronuclear. Hoje precisam esperar dias por uma consulta eletiva e, na emergência, disputam atendimento com pacientes de outros planos de saúde e com a população atendida pelo SUS. Afinal, para que o nosso plano de saúde? Não se tem um Atendimento Domiciliar Emergencial (Inf. RH 043/14), solicitado com insistência há muitos anos. Quando os moradores precisam de atendimento emergencial, a quem recorrer? Ao SAMU? Aos vizinhos?

E não é só!

A segurança, principalmente nas vilas Operária e Consag, é outro motivo de preocupação. Hoje é impossível deixar uma janela ou porta abertas, sob pena de desagradáveis surpresas. Em relação a essa questão específica, a ASEN fez carta à Superintendência de Operação, datada de fevereiro de 2014 e, apesar de insistentes contatos, até hoje não temos resposta.

Vilas que foram construídas como provisórias para abrigar o pessoal responsável pela construção das usinas estão, até hoje, ocupadas por funcionários da ETN. Não é difícil imaginar o custo da manutenção dessas casas que são ocupadas por funcionários com os mais baixos salários. Foi-se o tempo em que Furnas/ETN entregavam as moradias em boas condições de habitabilidade. Hoje, temos diversos trabalhadores endividados por promoverem obras que garantam um mínimo de condições para que lá possam viver dignamente com seus familiares. Além disso, os planos para construção de nova vila estão ainda no papel.

Outros fatos também dificultam a vida nas vilas como: o fechamento do cinema de Praia Brava; as dificuldades vividas pelos clubes de recreação; pelos organizadores do carnaval e outras festas, que servem como lazer e recreação para os moradores que possuem escassas opções de diversão.

Recentemente, a modificação no sistema de cobrança de aluguel para o comércio, trouxe aumento no custo de manutenção dos negócios e, também nos preços de produtos e serviços para os moradores. O resultado imediato foi o fechamento do mercado de Praia Brava. Outros comerciantes terão dificuldade em manter seus pequenos negócios.

O fim do modelo de parceria Estado/ ETN/Associação de Pais de Alunos é outro motivo de preocupação. O fim da associação que geria um contrato destinado a reforçar o ensino nos colégios estaduais Álvaro Alberto e Roberto Montenegro deixou dezenas de trabalhadores sem emprego e até sem suas devidas indenizações. Não é difícil enxergar que esses colégios, diversas vezes premiados entre os melhores do estado, terão queda na qualidade do ensino ministrado.



Precisamos de maior atenção da direção da Eletronuclear a essas e algumas outras situações. Morar nas vilas, diferentemente do que alguns pensam, não é viver no paraíso.

A região é cara, afastada dos grandes centros, paga-se mais por mercadorias e serviços, temos poucas opções de lazer, de estudo e aperfeiçoamento.

É necessário o apoio da empresa às iniciativas dos moradores para melhorar a qualidade de vida daqueles que se dedicam às usinas, assim como existe o apoio para o desenvolvimento de projetos que beneficiam a população circunvizinha.

DIRETORIA COLEGIADA